ANDREW FUKUDA

CAÇADA

AS PRESAS

intrínseca

CAÇ
ADA

AS PRESAS

ANDREW FUKUDA

TRADUÇÃO DE REGIANE WINARSKI

intrínseca

Copyright © 2013 by Andrew Fukuda

TÍTULO ORIGINAL
The Prey

PREPARAÇÃO
Rayssa Galvão

REVISÃO
Bruna Cezario
Flora Pinheiro

DIAGRAMAÇÃO
editorîarte

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F972p

Fukuda, Andrew
As presas / Andrew Fukuda ; tradução Regiane Winarski. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2015.

320 p. ; 23 cm. (A Caçada ; 2)

Tradução de: The Prey
ISBN 978-85-8057-641-2

1. Ficção americana. I. Winarski, Regiane. II. Título. III. Série.

14-17971 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para Obaachan

1

PENSÁVAMOS QUE finalmente tínhamos nos livrado deles, mas estávamos enganados. Naquela mesma noite, eles viriam atrás de nós.

Ouvimos o grupo de caçadores poucos minutos antes de chegarem à margem do rio: gritos determinados atravessam o céu noturno, roucos e afiados como vidro estilhaçado. O cavalo, revirando os olhos e dilatando as narinas, se levanta do chão assustado. Com os músculos contraídos, ele sai galopando de orelhas para trás, o branco dos olhos brilhando como duas luas insanas na vastidão escura.

Nós seis pegamos as bolsas e disparamos para o barco ancorado, com as pernas tremendo. Os nós que prendem a embarcação estão apertados, e nossos dedos trêmulos não conseguem soltá-los. Ben tenta abafar o choro, e Epap já está de pé no convés, paralisado de medo, a cabeça virada na direção dos gritos que se aproximam. Algumas mechas de seu cabelo estão levantadas como braços em rendição, sinais de um cochilo que nunca deveria ter acontecido.

Sissy tenta cortar as cordas. A lâmina produz fagulhas quando os golpes ficam mais rápidos, mais urgentes a cada segundo. Ela para de repente, a adaga ainda no ar. Está olhando para longe. Ela os vê: dez pontos prateados correndo na nossa direção por uma pradaria antes de desaparecer atrás da colina mais próxima. Os pelos da minha nuca congelam, estalam e se quebram ao vento.

Eles reaparecem, dez gotas de mercúrio no topo da colina com determinação inabalada. *Pontos prateados, gotas de mercúrio*, termos tão singulares, uma tentativa fútil de dar um ar inócuo ao horror, de fazer com que pareçam apenas joias. Mas são pessoas. São caçadores. Estão vindo para cravar as presas na minha carne, me destroçar, me devorar, e saborear meus órgãos.

Pego os meninos mais novos e os empurro para o barco. Sissy está cortando a última corda, tentando ignorar os uivos direcionados a nós, escorregadios e encharcados de saliva. Seguro uma vara, pronto para agir assim que ela tiver cortado a corda. Segundos antes da chegada deles, a última corda se rompe, e empurro o barco para longe da margem. Sissy pula nele. O rio nos envolve, nos afasta da terra.

Os caçadores se reúnem à margem, dez grotescos amontoados de pele derretida e cabelo emaranhado. Não reconheço nenhum deles — não vejo sinais de Lábios Escarlate, Tanquinho, Decrépito e nem do Diretor —, mas o desejo naqueles olhos é bastante familiar. É um impulso mais poderoso do que a luxúria, um desejo desesperado de devorar e consumir carne e sangue de eper. Três caçadores pulam no rio veloz, em uma tentativa inútil de nos alcançar. Suas cabeças aparecem uma vez, duas, e então afundam para longe, inofensivas.

O restante nos segue pelas margens durante horas. Tentamos não olhar para eles, mantendo os olhos fixos no rio e nas tábuas do convés. Mas não temos como ignorar os gritos cheios de luxúria não saciada, um lamento desesperado. Os quatro garotos do Domo — Ben, David, Jacob e Epap — passam a maior parte da noite encolhidos dentro da cabine. Sissy e eu ficamos na popa, guiando o barco com as varas compridas para nos mantermos longe da margem. A aurora se aproxima, e o céu nublado fica cada vez mais claro. Os caçadores, em vez de perderem as forças com a aproximação do nascer do sol e da morte certa, apenas gritam mais alto, a ira intensificada.

O sol ascende lentamente e brilha por trás de nuvens negras. É um brilho filtrado, difuso. Por isso os caçadores morrem devagar, aos poucos, de forma horrenda. Demora quase uma hora até o último grito gorgolejante ficar para trás, e não sobra nada para ver, ouvir ou sentir.

Sissy fala pela primeira vez em horas.

— Pensei que já tivéssemos ido longe o bastante. Pensei que não os veríamos mais.

Ainda é manhã, mas a voz dela já está exausta.

— Estava ensolarado — respondo. — Até a tempestade de ontem.

A chuva e as nuvens deixaram o dia escuro como a noite e permitiram que os caçadores saíssem horas antes do crepúsculo e nos alcançassem.

Sissy projeta o maxilar para a frente.

— É melhor não chover hoje, então — conclui, entrando na cabine para ver como estão os garotos.

O rio corre com uma insistência propulsora. Olho para ele até onde some, na escuridão distante. Não sei o que há à frente, e a incerteza me entorpece de medo. Uma gota cai na minha testa, depois outra e mais outra, até que a água da chuva escorre pelo meu pescoço e por meus braços arrepiados como veias protuberantes. Olho para cima. Nuvens escuras e cheias se movem e se abrem. A chuva cai pesada, escura e inclinada. O céu está preto como um bando de corvos à meia-noite.

A caçada apenas começou. A caçada não vai terminar nunca.

2

FICAMOS SENTADOS na cabine, juntos, tentando nos abrigar da chuva. As roupas encharcadas se grudam aos nossos corpos magros e barrigas vazias como pele enrugada e encouraçada. De tempos em tempos, motivado pela falta de lógica da fome, alguém abre a sacola de comida e a encontra (mais uma vez) vazia. Todas as frutinhas e a carne esturricada de cachorro selvagem já foram devoradas faz tempo.

Com a chuva pesada, a corrente do rio está mais forte. Nós nos revezamos em turnos curtos para guiar o barco, pois perdemos as forças depressa. No começo da tarde, Sissy e eu trabalhamos juntos. Duas horas depois, estamos exaustos. Desabamos na cabine, e Epap e Jacob assumem nossa posição.

Estou exausto, mas não consigo dormir. O vento sopra pelo rio e deixa a superfície já agitada pela chuva ainda mais turbulenta. Esfrego o rosto, tentando espalhar calor pelas bochechas. Do outro lado da cabine, de olhos fechados, Sissy está deitada de lado e encolhida, a cabeça apoiada nas mãos unidas. O rosto, relaxado pelo sono, é suave e de contornos bem-definidos.

— Você está me encarando há alguns minutos — sussurra ela, ainda de olhos fechados. Levo um susto. Os lábios dela se curvam em um leve sorriso. — Da próxima vez, é só me acordar. Dá para abrir um buraco em uma parede de aço com esse seu olhar.

Eu coço o pulso.

Ela abre os olhos e se senta. O cabelo castanho grosso cai sobre seu rosto, desgrenhado como o cobertor que ela coloca sobre Ben, roncando ao seu lado. Sissy boceja e estica os braços acima da cabeça, alongando as costas. Depois anda até mim, contornando a pilha de gravetos que levamos para o barco, e se senta ao meu lado.

— A correnteza está forte. Talvez forte demais. Estou preocupado — digo.

— Não, isso é bom. Significa mais distância entre nós e os caçadores.

Poucos dias se passaram desde que fugimos do Instituto Eper. Fomos perseguidos por um grupo sedento por nosso sangue e faminto por nossa carne. Eles saíram do Instituto às centenas, atraídos para um banquete e impulsionados pela sede de sangue. Contra uma horda dessas, nós seis não tínhamos nenhuma chance. Nossa única esperança efêmera de sobrevivência estava no diário do Cientista, um caderno codificado que sugeria uma rota de fuga por este rio. Por sorte, conseguimos encontrar o rio. Achar o barco foi um milagre ainda maior. Mas não descobrimos o motivo de o Cientista nos mandar seguir por este caminho.

— Também significa que a distância entre nós e ele vai diminuir — continua ela, como se tivesse lido meus pensamentos.

Sissy me encara com olhos determinados, mas também gentis e sábios. Desvio o olhar.

Ontem, quando encontrei o desenho que Epap fez do meu pai, foi a primeira vez que vi o rosto dele em anos: os olhos fundos, o maxilar forte, os lábios finos, a expressão pétrea que, mesmo no desenho, dava sinais de graça e tristeza ainda mais profundos.

Penso nos segredos que aqueles olhos deviam guardar, nos planos nunca revelados por seus lábios. No nosso último dia juntos, meu pai entrou correndo em casa, suando muito, mortalmente pálido. Vi as marcas em seu pescoço. Ele fora muito minucioso ao fingir a transformação. Quando saiu correndo para a rua, momentos antes do nascer do sol, pensei que estivesse correndo para a morte, para me salvar.

Mas estava apenas correndo para a liberdade, me condenando à morte.

Pego dois gravetos finos da pilha e começo a esfregá-los um no outro, como se estivesse afiando uma faca.

— Você acha que o Cientista deixou este barco para vocês, não acha? — pergunto. — Que planejou toda essa fuga elaborada para vocês. Quer saber minha opinião? O barco não era para vocês. Era para ele, só para ele. Era *sua* fuga. Só que ele não foi inteligente o bastante para encontrá-lo. Ou talvez tenha construído, mas foi caçado antes de conseguir fugir.

Ela olha para os gravetos, depois para mim.

— Você está enganado. O Cientista nos prometia quase todos os dias que nos levaria para fora do domo. Falava de um lugar maravilhoso, onde não havia perigo ou medo, onde havia segurança, calor e incontáveis outros humanos. Uma terra de leite e mel, frutas e sol. Era assim que ele a descrevia. Às vezes, chamava-a de Terra Prometida. E, sempre que falava da fuga, falava como se fosse a *nossa* fuga.

— Foi uma promessa e tanto.

Ela comprime os lábios.

— Foi. Mas era disso que precisávamos. Você tem que entender… Nascemos no domo, todos nós. E realmente pensávamos que morreríamos nele, depois de uma vida longa e difícil no cativeiro. Era uma existência infeliz. O Cientista… bem, ele apareceu do nada. E, com essa promessa, mudou nosso modo de ver as coisas, nossas vidas. Nos deu esperança. Os garotos se transformaram, principalmente Jacob. A esperança faz isso com as pessoas. — Ela sorri. — Nem sabemos qual é a aparência e o gosto de leite e mel.

— Vocês colocam muita fé na promessa de um homem.

Ela olha para mim.

— Você não o conhece como nós.

Quase me encolho ao ouvir aquelas palavras, que doem. Mas consigo me controlar. Uma vida de treinamento deixa qualquer um especialista em esconder as emoções.

— Você não quer encontrá-lo? — pergunta ela. — Não está nem um pouco curioso para saber para onde ele pode ter ido?

Os gravetos em minhas mãos param de se mexer. A verdade é que não consigo pensar em outra coisa.

O luar refletido no rio ilumina seu rosto.

— Me conte, Gene — sussurra Sissy, os olhos fixos nos meus.

Faço uma pausa, ainda ouvindo o eco das palavras dela: *Você não o conhece como nós*. Tantas coisas que eu poderia contar. Que o homem que eles conhecem como *o Cientista* é o mesmo que eu chamava de *pai*. Que moramos juntos, brincamos, conversamos, exploramos a metrópole, que ouvi as histórias dele. Sei que, quando dormia, seu rosto tenso desaparecia e dava lugar à face de um menino, que ele roncava baixinho, o peito subindo e descendo, subindo e descendo, as mãos inertes ao lado do corpo. Que passei mais anos a seu lado do que eles, e tive experiências mais profundas. Que ele me *amou* com o amor de um pai, um laço mais forte do que qualquer outro.

Em vez disso, esfrego os gravetos com mais força um contra o outro.

— Você carrega o peso do mundo nos ombros, Gene — murmura ela.

Cruzo as pernas debaixo do corpo e não digo nada.

— Os segredos — continua Sissy — vão consumir você por dentro.

Ela se levanta e se junta aos outros.

Mais tarde, naquele mesmo dia, a chuva para. O sol passa por uma abertura nas nuvens, e os garotos gritam de alegria. Jacob declara que agora tudo está perfeito: eles têm luz do sol *e* velocidade.

— Tomem isso, caçadores! — grita com fervor.

Os outros epers, rindo, o incitam.

— Isso mesmo! Comam poeira!

Suas gargalhadas ecoam pelo céu cada vez mais azul.

Mas não compartilho dessa alegria. Porque cada centímetro a mais entre nós e os caçadores só aumenta o abismo entre mim e Julia Brasa.

Nesses últimos dias, ela veio me procurar sem ser anunciada, através das visões mais aleatórias: a forma das nuvens, ou a silhueta das montanhas ao leste,

cada vez mais próximas. A cada segundo, a cada onda que fica para trás, sinto a corda ao redor do pescoço dela ficar mais apertada. A culpa me consome. Ela está sozinha no Instituto Eper, depois de se sacrificar por mim. Resistindo por mim, por um resgate que não fui capaz de executar. A essa altura, já deve saber que não vou voltar. Que falhei.

Os garotos estão gritando, a euforia estampada nas palavras vibrantes e intensas. Estão gritando a respeito do Cientista, da Terra Prometida.

Ouço passos apressados se aproximando. É Ben.

— Venha ficar com a gente no convés, Gene! — chama ele, com um sorriso largo no rosto. — É bem mais quente no sol do que na cabine.

Respondo que preciso ficar fora do sol.

— Venha, venha — insiste, puxando meus braços.

Mas os puxo de volta.

— Não posso. Não estou acostumado com o sol. Minha pele já está ardendo. Não sou escuro como vocês, ep… — Consigo me segurar bem a tempo.

Ben parece desapontado. Ele se afasta e vai para o sol, me deixando sozinho na sombra fria da cabine úmida.

Durante a hora seguinte raios de sol atravessam as nuvens. A terra se abre, as cores carregadas sangrando por todo o terreno. O verde viçoso das pradarias, o azul profundo do rio. Durante toda a tarde, ouço as vozes dos outros entrando pelas rachaduras nas paredes da cabine. Mesmo na proximidade do barco, eles parecem a mil quilômetros de distância.

O sol brilha, e os raios nebulosos são como grãos de sal nas feridas abertas da minha consciência.

É fim de tarde. Eles estão espalhados pelo convés como cães tomando banho de sol, absorvendo os raios, cochilando. Estão sem energia, as barrigas vazias roncam mesmo durante o sono. É meu turno outra vez. Absorvo o som da água

batendo nas tábuas de madeira, um som rítmico e oco estranhamente reconfortante. O movimento do barco me deixa sonolento.

Epap está acordado. Ele rabisca alguma coisa em um canto, completamente absorto no desenho. Sou vencido pela curiosidade e me aproximo devagar, sem ser notado.

O garoto está fazendo um desenho de Sissy. Na imagem, ela está de pé em uma pedra na beira de uma cachoeira, com um dos braços levantado e olhando para a frente. O braço é tão fino quanto o horizonte é longo. A cachoeira cintila, parecendo cravejada de rubis e diamantes. Está usando um vestido de seda sem mangas, e tem os seios mais fartos e a cintura mais fina do que são de verdade. No desenho, há alguém de pé atrás dela. Demoro um momento para perceber quem é: Epap, de camiseta regata, os braços muito musculosos e a barriga tanquinho refletindo o luar. Uma de suas mãos está na cintura dela, e a outra, mais abaixo, pousada na coxa direita com delicadeza controlada. Sissy está com o braço esticado para trás, segurando forte a nuca dele com o punho fechado, os dedos entrelaçados nas mechas de cabelo ondulado.

— Uau, que imaginação.

— O q…! — exclama Epap, fechando o caderno. — Pare de bisbilhotar!

— O que está acontecendo? — murmura Sissy, os olhos pesados de sono.

— Calma — digo. — Quando você acabar seus, hã, desenhos, pode me dar uma ajuda com o barco? A correnteza está forte.

Sigo para a proa e inclino a vara até o barco se endireitar. Dentro da cabine, Epap está resmungando alguma coisa. Depois de alguns minutos, é David quem sai para me ajudar.

Ele move os lábios formando um *Uau!* quando vê o rio.

— Estamos indo bem rápido.

Ele pega a outra vara.

Epap está na popa conversando com Sissy, os braços esticados para manter o equilíbrio. Ela balança a cabeça em resposta e aponta para o céu ainda coberto de nuvens, de onde saem colunas de sol. Epap se aproxima mais, sacudindo as

mãos, animado. Eles continuam a conversa, enérgicos, mas não consigo ouvir nem uma palavra por causa do barulho do rio. Caminho até lá.

— … rio — está dizendo ele.

— Do que vocês estão falando? — pergunto, ao me aproximar.

Epap me lança um olhar irritado.

— Não é nada.

Olho para Sissy.

— O que tem o rio?

— Está cheio d'água! — debocha Epap. — Agora vá cuidar da sua vida!

— Vocês estão pensando em parar, não estão? — pergunto a Sissy. — Para procurar comida.

Sissy não responde, só olha para o rio com o maxilar contraído.

— Isso seria uma péssima decisão. Um erro.

— Ninguém pediu a sua opinião — retruca Epap, posicionando-se entre mim e Sissy.

— Descer deste barco é um grande erro, Sissy — insisto, contornando Epap. Ele endireita as costas, irritado. — Não aprendemos nada na noite passada? Tem…

— Que parte de "vá cuidar da sua vida" você não entendeu? — rosna Epap. — Na verdade, vá aprontar as cordas. Precisaremos prender o barco quando descermos.

— Você está louco? Eles querem comer a gente…

Epap se vira para mim com puro desdém nos olhos.

— Ah, é mesmo? E você descobriu isso sozinho?

— Escute! Eles ainda podem estar por aí…

— Não mais — retruca Epap. — Você não sabe nada sobre eles? Estou surpreso com sua falta de conhecimento, já que viveu no meio deles a vida toda. Acorde, eles queimam no sol. E olhe: o sol está brilhando.

— Não está forte o suficiente. Os caçadores são inteligentes, improvisam, têm tecnologia e são determinados. Você os subestima por sua própria conta e risco.

— A única coisa que tem lá é comida — grita Epap em resposta. — Tem tanta vida selvagem correndo para todo lado que mais parece um zoológico. Já devo ter visto pelo menos três marmotas. Deixe que Sissy e eu tomemos as decisões.

— Epap — intervém Sissy. Ela balança a cabeça. — Não sei. Talvez seja muito arriscado.

Uma expressão magoada surge no rosto dele.

— Mas Sissy, não entendo. Você acabou de concordar em sair para caçar. — Os olhos dele estão igualmente confusos e incrédulos. — Sabe como estamos com fome. Pense no Ben.

— É claro. Mas vamos manter a cabeça fria, tá bom?

— Não, você acabou de concordar comigo. Que deveríamos ancorar e sair para procurar comida.

— Estou tentando ser cuidadosa…

— É por causa dele? — interrompe Epap, apontando o dedo para mim. — Só porque ele disse que não deveríamos ancorar, de repente você concorda com ele?

— Pare.

— É por causa dele?

— Epap! Não estou dizendo que devemos ficar longe da terra para sempre. Mas vamos esperar o céu clarear um pouco mais. O sol queimar a terra de verdade. Se tivermos que esperar até amanhã, esperaremos. Um dia a mais de fome não vai nos matar. Mas ir para a terra de forma impulsiva e prematura talvez mate.

Epap vira de costas para ela, a raiva emanando dos ombros estreitos.

— Por que se esforça tanto para agradá-lo? Não consigo acreditar que está do lado dele!

— Não estou do lado de ninguém. Estou do lado da razão. Do que é melhor para todos nós.

— Do que é melhor para *você*! Você quer que ele goste de você, é por isso que está do lado dele!

— Chega, não vou discutir mais — responde ela, e sai andando.

Epap encara as costas dela, irritado. Ainda está com raiva.

— Está vendo o que você fez? — pergunta para mim. — Você se acha tão inteligente, não é? Se acha tão durão. *Ah, olhem para mim, sobrevivi durante anos no meio deles. Ah, vejam como sou bom.* Sabe, acho você ridículo.

Não morda a isca, vá embora, digo a mim mesmo.

— Queria ser um deles? — pergunta Epap em voz baixa. — Sente vergonha do que é?

Paro na mesma hora.

— Porque eu percebi o jeito como olha para nós. Vi a arrogância no seu rosto — continua ele, os lábios retorcidos. — Você nos despreza. Acha horrível ter que se juntar a nós. Lá no fundo, você os *admira*, não é? No fundo, você deve querer *virar* um deles.

— Epap, pare — interrompe Sissy.

Ela se virou de novo e nos observa com atenção.

— Você não faz ideia — respondo com a voz estrangulada.

— Como é? — pergunta ele, com um sorriso bobo no rosto.

— Você não faz ideia do que eles são. Se soubesse, jamais diria uma coisa tão idiota.

— Eu não faço ideia? É mesmo? É sério isso? *Eu* não faço ideia? — Ele me olha com raiva e zombaria evidente. — É você que não faz ideia. Mas, pensando bem, por que faria? Você era um deles, foi amigo deles a vida toda. Nunca os viu rasgarem seus pais em pedacinhos. Nunca os viu arrancarem os membros de sua irmã ou seu irmão bem na sua frente. Você não os conhece como nós.

— Eu os conheço melhor do que você pensa — digo. Minha voz está baixa e controlada, mas tensa, pronta para dar o bote a qualquer momento. — Acredite em mim. Afinal, o que você realmente sabe? Eles não passaram de babás corujas para vocês, alimentando, dando roupas, fazendo bolos de aniversário…

Epap parte para cima de mim, o dedo esticado como uma garra.

— Por que você…?

Sissy segura o braço dele.

— Chega, Epap!

— Olha aí de novo — grita ele. — Por que você sempre fica do lado dele? *Chega, Epap. Pare, Epap.* O que você tem com ele? Por que você… ah, esquece! — Ele arranca o braço da mão dela. — Se quiserem passar fome juntos, fiquem à vontade. Mas, se adoecermos, se morrermos de fome, a culpa é sua, não se esqueça disso.

— Chega de drama, Epap.

Dá para ver o peito dela subindo e descendo.

Ele desvia o olhar e não diz nada. Mas, de repente, se joga na minha direção. O impulso me pega de surpresa, e nós dois caímos com força no convés. As tábuas estalam com o impacto.

Um baque curioso e oco soa logo abaixo. Como se eu tivesse soltado alguma coisa na parte inferior do barco.

Epap está falando palavrões e se agitando em cima de mim, e só consigo evitar os golpes. Logo Sissy o puxa para longe, com o rosto em um tom intenso de vermelho.

— Já temos muita coisa com que lidar! — grita. — Precisamos nos concentrar em lutar contra *eles*, não uns contra os outros!

Epap se vira e olha para a margem do rio. Passa a mão pelo cabelo, a respiração entrecortada. Mas não estou prestando atenção nele. Todo meu foco está no convés abaixo de mim. Bato no chão. Ouço o mesmo baque oco. Bato no convés a um metro de distância, o que produz um som diferente.

— O que foi? — pergunta David.

Todos se viram para me olhar.

Bato no convés com toda a força. E escuto de novo o som de algo se deslocando. De alguma coisa escondida debaixo do barco, afastada de olhares indesejados. Sinto um nó se formar na minha garganta quando me dou conta de uma coisa.

— Gene — chama Sissy —, o que está acontecendo?

Olho para ela com uma expressão atordoada.

— Gene?

— Acho que tem alguma coisa debaixo do barco — digo. Todos estão me encarando. — Está debaixo dos nossos narizes esse tempo todo.

Ben observa o convés, confuso.

— Onde? Não vejo nada.

— No único lugar onde um caçador não pensaria, não ousaria, olhar — explico. — Debaixo d'água.

Mergulhar no rio é como quebrar a superfície de um espelho. E a sensação é a mesma: cacos gelados atingem e cortam minha pele. Meus pulmões se contraem para o tamanho de bolas de gude. Subo à superfície em busca de ar. A correnteza é furiosa. Apesar da corda ao redor do peito devido à chance remota (que agora percebo não ser tão remota assim) de ser levado pela correnteza, isso não me tranquiliza. Agarro a lateral do barco na mesma hora. Permito-me alguns segundos para me acostumar com o frio, então mergulho.

Para me apoiar, enfio os dedos entre as tábuas do convés. Minhas pernas são levadas pela correnteza, o que me deixa paralelo ao barco. Pareço uma bandeira ao vento. A luz do sol brilha por entre as tábuas, finos raios de luz atravessando a água turva. Aqui embaixo é estranhamente silencioso, ouço apenas um zumbido profundo e lamentoso quebrado por um som ocasional de água agitada. Meus olhos passam de um lado ao outro, tentando encontrar alguma coisa, qualquer coisa, fora do comum.

Ali. Um compartimento retangular preso ao centro do barco. Com cuidado, permito que meu corpo flutue na direção dele até estar com os braços ao redor da caixa, grato pelo apoio. Há uma tranca de metal enferrujada na lateral. Ela não cede quando dou um primeiro puxão. Puxo com mais força, e a parte de baixo da caixa se abre.

Um pedaço grande e plano de pedra cai e me acerta na nuca. A dor é atordoante e me deixa desorientado. Tento desesperadamente pegar a tabuleta às

cegas, enquanto ela desliza por meu corpo. Mas é tarde demais. A pedra passa pelas minhas pernas, bate na canela esquerda e some nas profundezas turvas.

Com os pulmões explodindo, eu me viro até ficar agachado de cabeça para baixo, com os pés plantados no barco. É agora ou nunca. Tenho uma chance de mergulhar e pegar a tabuleta antes que ela afunde demais e se perca. Dou impulso no fundo do barco. Meu corpo dispara para baixo, na escuridão, no frio.

Uma fração de segundo antes que a corda que me envolve fique esticada ao máximo, encosto as pontas dos dedos na pedra. Agarro-a com firmeza. Em seguida, sou puxado como se estivesse preso a uma corda elástica, e a força quase me faz soltar a tabuleta. Aninho-a contra meu peito nu e sinto letras entalhadas na pedra.

Surjo na superfície da água em meio a um jorro de espuma branca, meu corpo reduzido a uma boca enorme em busca de ar. Epap e David veem a tabuleta e a tiram dos meus braços cansados. Eles me deixam na água, agarrado à lateral do barco, quase sem conseguir me segurar.

Quando consigo me içar para o convés, com o corpo encharcado e pesado, todos já estão reunidos ao redor da tabuleta. Com as cabeças unidas e inclinadas, leem as palavras entalhadas na pedra:

FIQUEM NO RIO.

— *o Cientista*

Eles estão abrindo a boca. Um coral de risadinhas e gargalhadas começa antes de se transformar em gritos. São todos sorrisos, espanto e delírio.

— Eu falei! Eu falei! Eu falei! — grita Ben, e bate nas costas de todo mundo. — Ele já tinha tudo isso planejado!

Sissy está de pé com as mãos sobre a boca, as sobrancelhas arqueadas e lágrimas brilhando nos olhos.

— Eu *sabia* que ele não nos decepcionaria! — grita Jacob. — A Terra Prometida! Ele está nos levando para a Terra Prometida. De leite e mel, frutas e sol!

O rosto de Sissy se abre em um sorriso que quase parece emanar calor. Seus olhos se fecham de alívio.

— Como sabia que a tabuleta estava debaixo de nós, Gene? — pergunta ela.

Faço uma pausa antes de falar. Meu pai brincava comigo de caça ao tesouro quando eu era pequeno e deixava pistas pela casa. Lembro-me do quanto ficava nervoso quando não conseguia achar as pistas que sabia que estavam ali. Ele me obrigava a parar, respirar fundo e observar o local com calma. Dizia: *Você está olhando, mas não está vendo. A resposta está bem debaixo do seu nariz.* E, quase sempre, quando eu me acalmava, encontrava a pista em uma rachadura no piso, enfiada entre as páginas de um livro que eu estava segurando o tempo todo, ou no meu próprio bolso.

Mas não conto nada disso.

— Acho que tive sorte — respondo.

Começo a tremer quando o vento sopra lâminas de gelo no meu corpo. Estou só de cueca, pois tirei a roupa antes de mergulhar.

Um dos epers fala alguma coisa, seguida por uma explosão de gargalhadas. Sissy se junta ao grupo e bate palmas. Há tanta emoção emanando deles.

Vou até a cabine, onde deixei as roupas empilhadas. Tiro a cueca e a torço com mãos e braços trêmulos. Ainda consigo ouvi-los rindo, as erupções de gargalhadas indo e vindo. Não entendo por que eles precisam demonstrar com tanta ênfase o que estão sentindo. Não podem apenas sentir as emoções sem externá-las? Talvez o cativeiro os tenha atrofiado, tornando-os incapazes de intuir as emoções uns dos outros, a não ser que estejam estampadas em seus rostos.

Eles começam a dar risadinhas, falando como o Cientista isso e o Cientista aquilo. Essa é a confirmação que eles estavam procurando. O sinal de que ele nunca os abandonou, nem os traiu, de que na verdade está esperando no final deste caminho. Esperando por *eles.*

E não por mim.

Eu fui abandonado em uma cidade de monstros. Para me virar sozinho. Um menino que chorava até dormir e molhou a cama durante meses depois que ele

se foi. Mas, para *eles,* meu pai criou um plano elaborado de fuga que envolvia um diário (que claramente fora deixado para ser encontrado) e um barco para levá-los à terra do leite e mel, frutas e sol.

Ouço outra risadinha, então mais uma, e suas gargalhadas são como golpes zombeteiros. Estou prestes a mandá-los calarem a boca quando me dou conta de que caíram em um silêncio repentino e apavorante. Olho pelas rachaduras entre as tábuas. Não consigo decifrar muito, vejo apenas David e Jacob levantando a tabuleta de pedra. Coloco as roupas secas depressa e saio da cabine.

Eles tinham apoiado a tabuleta na base e se reunido atrás dela. Ainda tem água pingando das letras sulcadas na pedra, formando uma poça no convés. Leio as palavras de novo.

FIQUEM NO RIO.

— *o Cientista*

Mas os epers do Domo não estão olhando para a inscrição, e sim para a parte de trás. Seus olhos observam algo que não consigo ver, e estão arregalados de choque ao percorrerem a superfície da pedra e encararem os meus.

— O quê? — pergunto.

Lentamente, eles viram a tabuleta para que eu possa ler.

Quatro palavras. Quatro palavras que ficarão gravadas na minha mente tão permanentemente quanto as letras entalhadas na tabuleta de pedra.

NÃO DEIXEM GENE MORRER.

Depois de anos, essas são as primeiras palavras do meu pai para mim, sobre mim. Um sussurro do passado que cresce e vira uma brisa, depois ventania. Uma corrente de eletricidade percorre meu corpo, e sinto o estalar de gelo derretendo em minha medula. E, apesar de ser uma onda de luz, esperança e força que flui em mim, não consigo evitar desabar de joelhos.

Jacob e David são os primeiros a me alcançar, estão me levantando. Sinto suas mãos nas minhas costas, as vozes altas, mas não mais irritantes, os corpos pressionados contra o meu, mas não invasivos. Os braços se cruzam nas minhas costas quando eles me levantam, a surpresa se espalhando nos rostos. Os dois sorriem, e seus olhos emanam um brilho acolhedor. Sissy fecha os olhos e leva as mãos cerradas aos lábios, emocionada. Quando os abre outra vez para olhar para mim, estão quentes e carinhosos.

— Eu sabia — diz. — Não é por acaso que você está aqui, Gene. Sempre foi intenção dele que você estivesse conosco. Que fosse parte do grupo.

Não digo nada, apenas sinto a água do rio escorrendo pelo corpo. O vento aumenta, e meu corpo treme. Ela passa os braços ao meu redor e me dá um abraço. Ainda estou molhado, mas ela não se importa.

— Pare de agir como um estranho — sussurra em meu ouvido, tão baixinho que as palavras só podem ser dirigidas a mim, e me abraça uma última vez antes de nos separarmos.

O rosto e a parte de cima de sua blusa estão úmidos, e ela joga o cobertor que Ben acabou de trazer sobre meus ombros. A luz do sol nos ilumina, e também o barco, o rio e a terra.

GENE NÃO PODE FUGIR PARA SEMPRE E SUAS OPÇÕES SÃO APENAS DUAS:

LUTAR COMO UM SOBREVIVENTE OU MORRER COMO UMA PRESA.

"Os caçadores se reúnem à margem, dez grotescos amontoados de pele derretida e cabelo emaranhado. Não reconheço nenhum deles, mas o desejo naqueles olhos é bastante familiar. É um impulso mais poderoso do que a luxúria, um desejo desesperado de devorar e consumir carne e sangue de eper. (...) A caçada apenas começou. A caçada não vai terminar nunca."

"REPLETO DE SUSPENSE E REVIRAVOLTAS, A COMBINAÇÃO DE CENÁRIO PÓS-APOCALÍPTICO E VAMPIROS É ESTIMULANTE E SURPREENDENTE."

School Library Journal

SEQUÊNCIA DE:

ISBN 978-85-8057-641-2
9 788580 576412
www.intrinseca.com.br